



# friendly fire

fanzine de arquitectura  
impressa em fânzeres



## "das ist friendly fire"

Nuno Brandão Costa, José Capela, Luís Tavares Pereira,  
Carlos Santana, Luís Santiago Baptista, Pedro Machado Costa,  
Pedro Campos Costa, Inês Vieira da Silva, Tiago Correia, Inês Moreira,  
Ricardo Carvalho, Camilo Rebelo, Fernando Guerra, Tiago Mota Saraiva,  
Paulo Moreira, Eduardo Carvalho, Ricardo Aboím Inglês, Carlos Mala,  
António Louro, Carlos Veloso, Nuno Abrantes, ~~Ivo Poças Martins~~,  
Nuno Merino Rocha, ~~Pedro Barata Castro~~, Miguel Figueira, Teresa Novais,  
Jorge Carvalho, Pedro Barreto, Marcos Cruz, Pedro Maurício Bonges,  
Pedro Gadanho, André Tavares, Pedro Bandeira, Bernardo Rodrigues,  
Diogo Seixas Lopes, Ana Vaz Milheiro, Godofredo Pereira, Jorge Figueira,  
Nuno Grande, José Adrião, Paula Santos, Carlos Antunes,  
Cláudio Vilarinho, ~~Pedro Baía~~, Diogo Burnay, Filipa Guerreiro,  
João Afonso, Rui Mendes, Pedro Pacheco, Sérgio Antunes,  
Daniel Carrapa e Filipe Afonso, não participam neste número.  
~~Matilde Seabra, Alexandra Areia, Gonçalo Azevedo, Dulcineia Santos,~~  
~~José Gigante e Fábio Lopez também não.~~

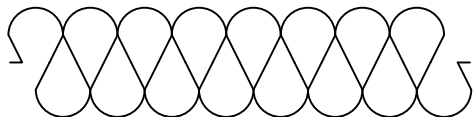


# Índice

Was ist  
friendly fire?

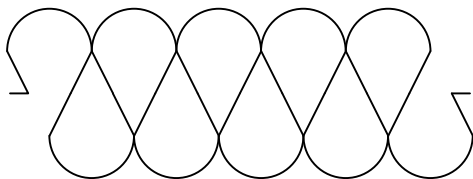
Ivo Poças Martins

4



Editorial

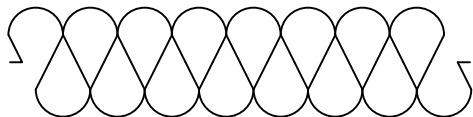
7



Stair System

8

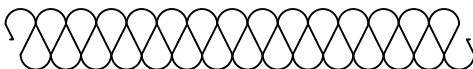
Ivo Poças Martins, Matilde Seabra  
Pedro Baía e Pedro Barata Castro



□ argumento  
do Torneio do  
Picote

19

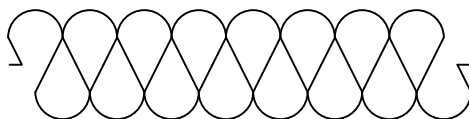
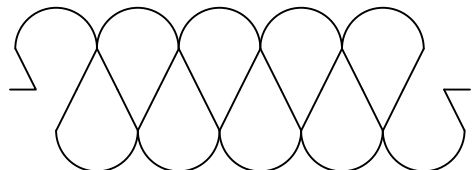
Pedro Baía e Gonçalo Azevedo



Textículo

25

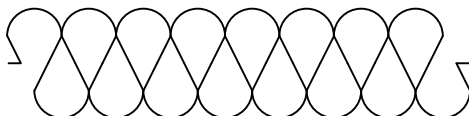
Pedro Baía



Tu me piques  
je te nique

26

Matilde Seabra e Dulcineia Santos



Na quinta  
Praça do  
Cavalo

29

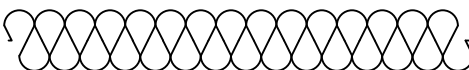
Pedro Barata Castro



Cavalos à beira  
de um ataque  
de nervos

33

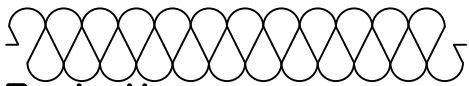
Zé Gígas



Que Beaubourg  
para  
Boudrillard?

34

Alexandra Areia



Batalha na  
Vala

38

Fábio Lopez

# Was Ist friendly fire?

O fogo e a arquitectura têm uma relação ambivalente. Por um lado, o fogo simboliza o centro da casa que proporciona o encontro e o conhecimento. Por outro, é também símbolo da mudança constante, da purificação ou da destruição. Enfim, a trama de significados e de simbolismos é extensa mas o que nos interessa para o caso é a falsa noção de controlo e de domesticação que julgamos ter em relação ao fogo tal como em relação à realidade por intermédio da arquitectura.

Depois de mordido no pescoço pelo seu tigre albino amestrado, durante um espectáculo no The Mirage em Las Vegas, o domador Roy Horn (da dupla Siegfried & Roy), a caminho do hospital e enquanto se esvaia em sangue, terá pedido: *"Don't shoot the cat!"*. Descobriu que estava a pedi-las.

Friendly fire é um eufemismo empregue pelos militares para se referir aos seus erros. Quando num ataque acabam por vitimar acidentalmente, e quase sempre mortalmente, elementos das suas próprias forças ou dos seus

aliados. Foge assim da categoria de homicídio e mesmo do homicídio negligente porque não há, aparentemente, intenção.

Nos bons velhos tempos, quando os inimigos se defrontavam em combate, vestiam-se de cores diferentes ou empunhavam estandartes berrantes. Eram cobóis e índios. Desde que se generalizou o camuflado, a coisa ficou mais complicada: no campo de batalha, agora pomposamente chamado "teatro de operações", bons, maus e civis são todos muito parecidos e cobertos por um mesmo manto invisível não menos pomposamente apelidado de *fog of war*. Por isso, normalmente só se tem a certeza de acertar no alvo certo depois de o tiro sair. Mais do que o efeito do ataque propriamente dito, interessa a estratégia como ele é justificado e a impunidade que proporciona.

Montecore, o tigre que quase matou Roy Horn, esteve de quarentena e depois foi libertado. A equipa de Siegfried & Roy alimentou duas versões para explicar o episódio: uma que sugeria que Montecore agiu sob instintos de



1



protecção. Viu Roy tropeçar em palco e tentou agarrá-lo pelo pescoço como se fosse uma cria da sua espécie; a outra, bem mais colorida, relatava que o tigre se sentiu ameaçado por uma espectadora que estava na primeira fila com um penteado muito volumoso. Roy foi ferido porque se pôs entre os dois.

Esta disparidade nos dois relatos confirma uma terceira bem mais simples: os tigres são bichos ferozes e nem sempre estão dispostos a fazer o pino.

Não se confunda Friendly Fire com Crítica (sobretudo a que se escreve com maiúscula). Envergamos a caveira sorridente de Le Corbusier porque gostamos da forma como os piratas abordam literalmente os problemas e do facto de não estarem comprometidos com nada embora admitam alianças estratégicas.

A abordagem feita sobre o trabalho dos outros terá nesta publicação um carácter preferencialmente propositivo à maneira das ilustrações de Joseph M. Gandy sobre o trabalho de John Soane – vistas literalmente explodidas e iluminadas de forma dramática.

Na representação arruinada dos seus projectos permitem-se novas leituras: perspectivar a sua materialidade no futuro e dotar a obra de uma aura que permite compara-la à confirmada arquitectura antiga. O seu destino maior é a majestosa combustão ou o seu lento desvanecimento, congelado por cordões de veludo, suspensos por postes dourados, guiando ignorantes e desmerecedores turistas.

Sabemos da força depuradora do ataque e da destruição. Mas somos razoáveis. Ao ferimento de morte preferimos a palmadinha nas costas, à rasteira o empurrãozinho e o tiro no pé à facada nas costas.

E tudo isto só terá interesse enquanto acção colectiva e permitir festividades para dividir despojos de guerra e beber à nossa desgraça. Só nos falta usar uma pala no olho; as pernas de pau dispensamos. *Mourons pour des idées, d'accord, mais de mort lente.*<sup>2</sup>



1 - Joseph Gandy, cut away perspective drawing of the Bank of England as a ruin, 1830, John Soane Museum, London.

2 - Georges Brassens, *Mourir pour des idées*, 1972

3 - Siegfried Fischbacher, Montecore e Roy Horn antes do ataque de 1990